

PROCURANDO POR SORAIA

César D.

Não deixou nome no site de relacionamentos casuais, mas procurava por Soraia. Era uma puta bonita, alta, 1,75 de altura e um sorriso lascivo e doce, daqueles que magnetizam e encantam homens e mulheres. Fez da República e adjacências o seu local de trabalho, transitando entre a praça Roosevelt, a São João e a Duque de Caxias, alargando seus domínios até a Praça da Árvore, pois era bem requisitada. Dominadora nata, tinha na sutileza uma arma para manipular e estabelecer sua ordem a machos que não primavam pelos bons modos, descartando de imediato aqueles que igualmente não estivessem em dia com o asseio pessoal.

Foi “Cliente” dela por muito tempo, relata o homem, e muitas vezes acabavam nem transando, indo direto pra conversa, e dessa proximidade, destituída temporariamente das relações de consumo clássicas, é que surgiu uma amizade estranha e improvável, como nascem muitas coisas no mundo. Entre papos, risadas e confissões, foi testemunha de quando Soraia mostrou o resultado da operação para diminuir os seios, que ficaram menores mas chativos e charmosos, e a alegria incontida e comemorada nos novos sutians, número 50, que comprou especialmente por essa conquista.

Ele também foi confidente dos sonhos que Soraia tinha em ver formado seu filho, que deixou com a mãe no interior do Pará pra ganhar a vida em São Paulo, e a imensa saudade que tinha, sempre expressando em lágrimas que logo tratava de esconder atrás de algum sorriso fortuito, deixando no labirinto do peito algo de verdade procurando a saída, e tendo o tempo e a realidade como adversários.

Soube dos programas e dos homens que no começo da profissão tinha que aturar para pagar as contas, ainda mais quando começou na noite depois de perder o emprego de atendente numa rebimboca da General Osório, grana pouca e bar lotado de manguaças do centro, e não pensou duas vezes a aceitar o convite de Valéria, colega de quarto dividido numa pensão no Bixiga. Havia de tudo... bêbados, violentos, sujos, sedentos por sexo grupal (que ela nunca concordou), solitários, diminuídos no convívio familiar, com problemas de ereção, gays enrustidos, inseguros e os queriam simplesmente um momento de gozo efêmero... solteiros, casados (em sua imensa maioria), apaixonados (estes, aliás, é o que davam mais trabalho, dizia

ela) e as vezes algumas mulheres... cada um com um desejo diferente de prazer, afeto, domínio e protagonismo.

E assim ficaram alguns anos nesta proximidade, esta relação dividida entre pedaços de carinho e fragmentos de uma difusa humanidade, algo que vai se estabelecendo quando se percebe que os dias passam rapidamente, que nossas manifestações cotidianas no trabalho, nas conversas repartidas e interrompidas com os colegas e parentes, nossas preocupações diárias pela falta de grana e um crescente medo do futuro, porque o presente é inóspito, hostil e inseguro, é que nos mostra a chave escondida debaixo do tapete dos estereótipos, que abre a porta e convida aquele que outrora era estranho e diferente, difícil e desigual, a ser um espelho refletindo nossa complexidade, nossas fraquezas, nossa soberba, nosso desejo de potência, nossa imensa vontade de algo que seja sincero, simples e verdadeiro.

Foi em 2004 ou 2005, logo depois de casar e ter o primeiro filho que o homem começou a perder o contato com ela, envolvido e enredado na nova vida que quis pra ele, cheia de cuidados de pai, obrigações dominicais em família e responsabilidades de chefe do lar, e as atribuições do tempo foram o distanciando de Soraia, que estava preparando o adeus aos programas e um fim a suas participações noturnas nas ruas do centro.

Foi a lembrança desta amizade, feita nos quartos escondidos e encardidos dos hotéis vagabundos, com cheiro permanente de sexo nos lençóis, sabonetes inodoros e filmes educativos que pouco assistiram, e que provocava muitos risos das performances mentirosas dos atores pornô, que despertou a vontade do homem em reatar o contato, rever Soraia, resgatar o tempo e os momentos que foram bonitos, de uma gentileza nos gestos, no falar e ouvir, algo que ressoava, tinha eco e reverberava, algo que tinha ressonância e resposta, algo que hoje está ausente, distante, algo que ele sente muita falta.

Ela deve ter hoje, conclui o homem, uns 50 a 53 anos, e sabe que o tempo é imperioso, e que as coisas e algumas pessoas mudam, mas que todas tem o peso da vida em suas faces e corpos, e que provavelmente encontrá-la será impossível... E que não queria sexo, pegada, transa, e sim lhe dar um abraço, e com esse abraço resgatar o brilho intenso que toda amizade verdadeira deixa transparecer, mesmo que o tempo e a distância digam não.

CESAR D

04/11/2019.